

# **ASPECTOS MICROESTRUTURAIS EM TEXTOS DISSERTATIVOS UNIVERSITÁRIOS: O USO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA CONSTRUÇÃO TEXTUAL**

**Eliana dos Santos Silva<sup>1</sup>; Geraldo José da Silva<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Aluna do quarto ano do Curso de Letras: habilitação-Português/Inglês. Bolsista PIBIC/UEMS no período de julho/2008 a julho/2009, e-mail: [Eliana\\_sk8@hotmail.com](mailto:Eliana_sk8@hotmail.com);

<sup>2</sup>Docente do Curso de Letras- habilitação: Português/Inglês e Português/Espanhol da UEMS, C. Postal 351, 79804-970, Dourados-MS, e-mail: [gera.silva@terra.com.br](mailto:gera.silva@terra.com.br)

## **RESUMO**

Este artigo versa sobre o uso dos operadores argumentativos em textos dissertativos de alunos ingressos no Curso de Letras da UEMS-Dourados. Objetivamos analisar a construção textual ressaltando os aspectos microestruturais. Elegemos como aporte teórico a perspectiva da Linguística Textual para subsidiar a nossa discussão. Os resultados obtidos validam a pesquisa em tela.

**PALAVRAS-CHAVE;** Produção textual. Linguística de texto. Recursos linguísticos.

## **ABSTRACT**

This article deals with the use of operators in argumentative discourse texts of Letters' students of UEMS-Dourados. Our objective is to analyze the textual construction, emphasizing the microstructural aspects. As theoretical support for our discussion we elected the perspective of textual linguistics. The obtained results validate the research in question.

**KEY-WORDS:** Textual production. Text of linguistics. Linguistics resource.

## **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa justifica-se por melhor visualizar o uso dos operadores argumentativos como recurso linguístico para a construção textual dos ingressos no Curso de Letras-habilitação: Português/Espanhol – ano letivo 2007 da UEMS/Dourados. No processo construtivo do texto, o uso de recursos linguísticos em nível microestrutural é de fundamental importância, pois o texto do aluno deve apresentar uma lógica mínima esperada por ocasião de seu ingresso no curso superior. Dessa forma, a análise pretendida procura verificar a

otimização desses recursos de que deve usar o aluno. Como é sabido a pouca prática de escrita nos níveis fundamental e médio da escolaridade dos alunos que chegam até a universidade, fazer um estudo dessa realidade é nos muito salutar. Julgamos pertinente a possibilidade de trabalhar com essa temática que não é um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida, principalmente na condição de estudante de Letras. Vale lembrar que o exercício de análise textual é objeto merecedor de pauta constante no processo de ensino-aprendizagem.

O texto como unidade linguística deve refletir o lastro cultural do produtor envolvendo seu conhecimento de mundo e sua percepção crítica da realidade em que vive. Nesta esteira, ao produtor convém registrar sua argumentação de forma lógica e bem articulada o que implica não só conhecimento intelectual e pragmático, mas também o conhecimento linguístico. A esse respeito, é válido destacar a contribuição de Lyons (1987, p. 19) quando menciona que toda vez que falamos ou escrevemos em nossa língua nativa, escolhemos um estilo ao invés de outro, conforme a situação, as relações que existem entre nós e a pessoa a quem nos endereçamos o objetivo e a natureza do que temos a comunicar. Como se vê o uso adequado dos recursos linguísticos é basilar na construção de nossa expressão escrita e também oral. Com isso, o texto assume seu papel de unidade de sentido quando atende aos aspectos macro e microestruturais (coesão/coerência).

Segundo Koch; Travaglia (1990), pode se definir texto como, "uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomado pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa e reconhecida independente de sua extensão".

Assim, para se constituir um texto é necessário um conjunto de considerações, tanto a atuação informacional e comunicativa, quanto o contexto sociocultural. Um dos fatores importantes é a coerência que está ligada à obtenção de um sentido para o texto, sendo esta a responsável de estabelecer a textualidade numa sequência linguística. Quanto a isso, Koch (1990) argumenta que a textura ou textualidade constituem uma sequência linguística em um texto.

Outro fator relevante na composição textual é a coerência local (coesão). A coesão, apesar de não ser condição única para manutenção da coerência de um texto é de fundamental importância, visto que o texto se materializa linguisticamente. Isto implica conhecimento dos mecanismos léxico-gramaticais da língua. Os recursos coesivos formados por (conjunções, preposições, diversos tipos de conectivos, operadores argumentativos.) são fundamentais para a textualidade que é conquistada através da relação coerente entre as idéias. Entre os recursos coesivos destacamos os operadores argumentativos e marcadores textuais, também

conhecidos por articuladores textuais ou operadores de discurso, com quase a mesma função dos operadores. Os marcadores textuais diferem-se na extensão, isto é, são compostos de períodos, parágrafos, sequências textuais, que ligam os enunciados no texto.

A análise desenvolvida neste trabalho é fruto de um projeto de pesquisa na modalidade de Iniciação Científica realizado no período de julho de 2008 a julho de 2009 na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade Universitária de Dourados. Tem como *corpus* um total de 29 textos dissertativos de alunos ingressos no Curso de Letras. Os textos são provenientes de um projeto maior desenvolvido pelo professor orientador nesta IES. Apresentamos uma taxionomia dos textos e uma análise geral do *corpus* e, em seguida, enfatizamos duas produções que mostram a operacionalização dos recursos linguísticos utilizados pelos produtores, sendo uma com menos problemas de ordem articulatória e outra que apresenta deslizos de articulação na construção textual.

Para fazermos a taxionomia dos textos e a análise pretendida, apresentamos a proposta geradora dos textos. A proposição redacional número dois provém do caderno de exame do vestibular 2006 da UEMS. A proposta é a seguinte:

**1. “Para vocês da cidade o PCC traz medo, para nós da favela, leite”.**

*Lúcia: (nome fictício) empregada doméstica cadastrada no programa assistencial do PCC na favela Pedra sobre Pedra, São Paulo.*

*Depoimento colhido pela Folha de S. Paulo, Cotidiano, domingo, 2 de julho de 2006.*

**2. “O PCC ajuda mais a gente do que o governo. Aqui é tudo rápido”.**

*João: (nome fictício) marceneiro da favela, na zona sul de São Paulo.*

*Depoimento colhido pela Folha de S. Paulo, Cotidiano, domingo, 2 de julho de 2006.*

**3. Para moças da favela, bom partido é PCC.**

*“Dá status namorar alguém do partido. Você é sempre respeitada pó ronde quer que passe. Ninguém, nunca, irá te tirar do sério porque sabe que poderá pagar por isso”, Silvana (nome fictício), 27, moradora da favela Pedra sobre Pedra.*

*Depoimento colhido pela Folha de S. Paulo, Cotidiano, domingo, 2 de julho de 2006.*

**4. Polícia afirma que investigará assistencialismo**

*Questionado sobre o assistencialismo do PCC em favelas, o delegado Godofredo Bittencourt, responsável na polícia paulista pelas investigações sobre a facção criminosa, falou que investigará o fato. “Com relação a isso prefiro não falar. Vamos analisar e começar a investigar para ver o que que é”, disse Bittencourt.*

*O sargento Luís Rocha, da Força Tática da PM, admitiu dificuldades para entrar em favelas e fazer ações mais intensas. “há muitas vielas e becos onde os veículos não entram. O problema é geográfico”, diz ele, que trabalha na cidade de Diadema, divisa com a Pedra sobre Pedra.*

*Procurada, a Prefeitura de São Paulo disse que a coordenadoria de serviço social da região não havia sido localizada até o fechamento desta edição.*

*Kleber Tomaz. Folha de S. Paulo, Cotidiano, domingo, 2 de julho de 2006.*

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1. Texto: conceito e estrutura

Há várias formulações ao se definir texto, muitos autores definem-no de acordo com seu conhecimento de mundo, outros são limitados ao tratar do assunto. Todos nós convivemos com a palavra texto ao nosso meio, pois é tratado e utilizado com diversas funções, tanto para convencer ou persuadir quem o lê em jornais, revistas, e outros meios, quanto em peças de teatro, em novelas e várias outras funções. Nas escolas os professores cobram dentre outros gêneros textuais o gênero dissertativo, que trataremos mais adiante.

Está ao alcance de todos redigir um texto, mas nem todos têm sucesso ao se expressar ou argumentar e, por consequência disso, não conseguem convencer o leitor. Fatores como coesão e coerência são necessários para que haja sequência entre as partes e sentido entre palavras e frases que devem estar dentro de um contexto significativo. Como lembra Galves (2002, p.40), “Da mesma maneira que um conjunto de palavras não produz uma frase, um conjunto de frases não produz um texto.” Pois existem normas para se obter uma boa formação textual.

O texto deve abranger alguns aspectos para ser compreendido, dentre eles o pragmático, que busca a relação informacional e comunicativa com a finalidade de êxito na comunicação entre locutor e interlocutor, considerando o aspecto sociocultural. Outro aspecto é o semântico conceitual abrangendo a coerência que segundo Koch (2003, p.21), “a coerência esta diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto tenha sentido para os usuários.”

O terceiro aspecto é o formal, que é a organização dos integrantes lingüísticos tornando o texto um todo coeso. Embora a coesão não seja suficiente para se obter a coerência, ela tem seu valor constitutivo como coerência local, estabelecendo um elo frástico que contribui para a compreensão dos enunciados. A esse respeito, Citelli (1994, p.34) nos mostra a importância da coesão argumentando que para a formação do texto os elementos constituintes, coerência e coesão, devem ser tratados como elementos complementares de uma integração.

É difícil imaginar a progressão das idéias, a exposição de pontos de vista, sem que haja o correspondente encadeamento sintático, semântico, em que palavras estão relacionadas a palavras, frases a frases, parágrafos a parágrafos. Noutros termos, é necessário pensar o texto enquanto produto da fusão entre os níveis da macro (coerência) e da microestrutura (coesão). (CITELLI 1994, p.34).

Ainda sobre texto, Fiorin; Platão (2003, p.11) apresentam duas considerações essenciais para a constituição do texto. A primeira consiste em que “o texto não é um aglomerado de frases”. Desta forma, o texto não é constituído somente de frases soltas, o sentido de um texto é adquirido com a totalidade de suas partes, muitas vezes ao se retirar uma frase dentro de um contexto implantado pode-se implicar no seu sentido.

Já a segunda consideração nos traz que, “todo texto contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla.” O texto é construído a partir de um tema discutido que está em debate na sociedade, podendo ser atual ou não, sempre há uma intenção por trás de um texto produzido, fazer uma crítica chamar a atenção de governantes, empresas ou até mesmo da sociedade.

Koch (2003, p.17) argumenta que a língua é uma representação do pensamento e o sujeito é dono de seus atos. O texto é compreendido, neste caso, como uma consequência do pensamento, e seu sentido é estabelecido na influência mútua do texto com o seu redator. Também corrobora a opinião de que a forma como está organizado o tema dentro de um contexto, em que outras pessoas também compartilham da mesma informação, acarretará, portanto, na articulação do sentido desejado.

“o sentido de um texto é, portanto, construído na interação texto sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexistia a essa interação. Também a coerência deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto, passando a dizer respeito ao modo como os elementos presentes na superfície textual, aliados a todos os elementos do contexto sociocognitivo mobilizados na interlocução, vêm a constituir, em virtude de uma construção dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos.” (KOCH 2003, p.17)

Os elementos estruturais do texto voltam-se ao modo em que o texto se organiza. Assim, Guimarães (1993, p.43), argumenta sobre a noção de forma e função, em que, se a forma é o todo textual, os elementos que os constituem tem uma função, ou seja, integrando-se ao todo, vai se tecendo a estrutura. “As noções de forma e função, por sua vez, evocam a noção de *estrutura*, isto é, a rede de dependências e implicações que um elemento mantém com todos os outros, no conjunto em que se encontra.” Guimarães (1993, p.43).

A qualidade do texto não está para a junção de unidades da frase ocasionalmente, mas sim para uma conexão harmônica dentre as partes, um relacionando-se ao outro. A palavra está para o nível estrutural da morfologia, podendo constituir uma frase e assim constituir o nível sintático, desta forma, as frases assim concatenadas formam o texto. Guimarães (1993, p.45), diz que “No nível sintático, as estruturas fixam relações ou de equivalência ou de

hierarquia, ou seja, de *coordenação* e de *subordinação*.” Os elementos que se coordenam são aqueles que encadeiam mantendo uma sequência, onde os termos frasais exercem a mesma função, assim sendo, seguem a mesma linha de discurso e sentido.

Na construção global do texto, as macroproposições são articuladas em processo de forma que a subordinação bem concatenada contribui para o todo textual de forma expressiva. Do ponto de vista linguístico, contribui para a produção de sentido do texto. A esse respeito, vale lembrar o que assevera Guimarães (1993, p.46),

relações de natureza bastante diversificada definem a articulação das orações dentro desse processo: relações de integração e complementaridade (orações substantivas e adjetivas); relações de circunstancialidade: de tempo, de causa e efeito, de comparação, de conformidade, de condição, de concessão, de finalidade, de proporção (orações adverbiais). (GUIMARÃES, 1993, p.46).

Portanto, a estrutura subordinada também exerce uma função determinante para a forma e o sentido do texto. É possível encontrar ainda dentro de um texto a estrutura compacta e difusa. Na estrutura compacta a sua organização é de forma, estabelecendo uma determinada ordem em que os fatos são descritos linearmente. Já na estrutura difusa, os elementos constitutivos da frase não seguem um modelo linear, mas um modo inverso desarticulado.

Dentro da estrutura textual temos outros itens que constituem o texto, sendo estes o título, o parágrafo, inter e intrapartes, início e fim. O título tem a função de expor e informar de forma resumida o leitor sobre o que vai ser lido. Já o parágrafo desempenha a função de registrar as idéias e/ou argumentos do produtor textual de forma organizada e progressiva. Os elementos de conexão interna do texto e das partes que o constituem são garantidos pelo uso dos marcadores textuais e dos operadores argumentativos. Além disso, há que se considerar a estrutura mínima de articulação textual demonstrada por um começo, um meio e um fim.

Isto posto, os aspectos macro e microestruturais assumem dimensão significativa na construção do todo textual, seja o gênero textual que for. Apresentamos a seguir considerações a respeito desses aspectos.

## 1.2. Macroestrutura textual (coerência)

A coerência global, ou seja, a macroestrutura está voltada e direcionada ao sentido do todo textual. A coerência se estabelece desde o modo em que estão organizadas as informações no texto, levando em conta a progressão temática, o grau de informatividade, a contextualidade e a lógica argumentativa. Para se constituir a coerência não é necessário que

se tenha uma série de recursos da linguística, desde que o texto produzido faça sentido ao leitor. Para a obtenção da coerência é preciso que haja entre os elementos relação de fatos e argumentos. A conexão semântica também tem que ser estabelecida através dos elementos coesivos.

Koch (2003, p.21) adiciona ainda que a coerência:

é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. Este sentido, evidentemente, deve ser todo, pois a coerência é global.

A incoerência em um texto não pode ser estabelecida através de uma visão superficial do mesmo, é preciso analisar o procedimento completo, desde a intenção do produtor, até mesmo as estruturas estabelecidas por este. Guimarães (1993, p.41) expõe a respeito que, “o texto é coerente não porque as frases que o tecem guardam entre si determinadas relações, existem precisamente por força da coerência do texto. Desse fato, pode-se concluir a coesão ser efeito da coerência”. A coesão determina o acontecimento da coerência, pois, antes de se estruturar um texto, há uma intenção comunicativa que é estabelecida pela coesão, a articulação do texto é previamente planejada.

Logo, temos a coerência como o sentido formado através da estrutura semântica global, constituído através dos articuladores ou sequencializadores que estabelecem a microestrutura do texto. Sem a coerência global, não é possível ter domínio pleno sobre as conexões locais e também a linearidade do texto. Dessa forma, temos Marquesi (1995, p.30) que retoma as palavras de Van Dijk ao afirmar que,

tanto na produção textual quanto na recepção de textos, a macroestrutura desempenha um papel fundamental: na recepção, fazemos uma ideia global do que é dito, construindo planos semânticos globais; na produção, primeiro formamos um plano semântico global, para depois podermos falar e/ou escrever coerentemente (MARQUESI, 1995, p.30).

Assim, é notória a importância de se ter uma estrutura coerente, inclusive a microestrutura do texto deve ser bem formulada. De acordo com a autora, percebe-se a necessidade para a composição da coerência global escrever coerentemente, sendo um dos pontos essenciais de uma composição textual.

A rede de significados em que abordamos em um texto, informando, persuadindo, explicando, e muitos outros objetivos se tem para a construção textual, Citelli(1994, p.22)

argumenta que dentro desta ordem de sentidos do texto temos planos do falar do dizer e do mostrar,

entendemos o falar como o nível de constituição das palavras e frases organizadas segundo as leis que formam a língua; o dizer como indicador das relações entre as palavras e os sentidos que elas promovem; o mostrar como condutor dos enunciados para uma ou outra direção. (CITELLI,1994, p.22)

Como se vê, o autor expressa de forma objetiva a constituição do sentido de um texto, a organização necessária de acordo com a língua, da sequência de ideias e também sua intencionalidade ao ser escrito. O falar está como ponto essencial de uma língua, para a constituição da estrutura lingüística; o dizer está para o modo de articulação das palavras, atribuindo sentido às frases, e o mostrar estabelece a direção do que se está pronunciando, desta forma, interligam-se para estabelecer sentido para uma determinada argumentação.

### 1.3. Microestrutura textual (coesão)

A microestrutura textual, ou seja, a coesão é estabelecida através de mecanismos articuladores, formados por (conjunções, preposições, diversos tipos de conectivos, operadores argumentativos.), que são fundamentais para a textualidade que é conquistada através da relação coerente entre as ideias e faz com que um texto obtenha coerência, logo determinam o conjunto de frases que estabelecem a coesão.

A coesão ocorre quando a relação de sentidos é obtida através da interpretação de determinado elemento acoplado a outro, criando-se uma ligação. Podem-se encontrar textos com total ausência de coesão, mas que fazem sentido. A textualidade é estabelecida uma vez que há compreensão; porém é possível encontrar sequências coesivas que não serão consideradas um texto por não haver coerência entre as partes. A coesão pode ser classificada também de acordo com Koch (2004, p.17) como “mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos lingüísticos do texto, relações de sentido.”

Existem mecanismos de coesão classificados por: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. São estas estruturas também utilizadas como recursos coesivos. Segundo Citelli (1994, p.41), “a coesão por referência pode ser obtida pelo uso de pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, advérbios de lugar, artigos definidos.” Evitando, desta forma, a repetição de um termo já mencionado anteriormente. Já Koch (2004, p.19) acrescenta que

a referência é exofórica quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, isto é, quando o referente está fora do texto; e é endofórica, quando o referente se acha expresso no próprio texto. Neste caso se o referente precede o

item coesivo, tem-se a anáfora; se vem após ele, tem-se a catáfora. (KOCH, 2004, p.19)

Estes mecanismos de coesão são utilizados frequentemente para a obtenção da coerência local dentro do texto, pois sem os mesmos, o texto poderia conter partes repetitivas.

Marquesi (1995, p.31) afirma que a microestrutura está para a “estrutura proposicional linear do texto”. Ou seja, o produtor de um texto usa de mecanismos aquisitivos para escrever seu texto para, desta forma, compor a estrutura global do texto. Dentre as partes que compõem o texto, é essencial o uso adequado de elementos coesivos para a sequencialização de enunciados e relação entre parágrafos e orações. A autora também ressalta os estudos de Charolles (1978) no que se refere a importância da progressão textual.

Buscamos nesta pesquisa estabelecer o significado presente no *corpus* de análise visando a microestrutura textual, o sentido produzido por operadores, conectivos, conjunções dentre outros nomes em que os autores os classificam. Apresentamos a seguir, as contribuições conceituais dos autores que nos subsidiam a reflexão pretendida.

#### 1.4. Operadores argumentativos

Os operadores argumentativos ou marcadores textuais são chamados também de elementos de ligação, expedientes conectivos, articuladores textuais. Sendo estudados e tratados com maior ênfase pela linguística textual e utilizados com a função de tornar o texto mais coeso, mostrando a força argumentativa dos enunciados e os direcionando para uma determinada conclusão prevista pelo redator. O emissor ao produzir o texto utiliza os operadores para que os enunciados possam ter determinada força argumentativa.

Apresentamos, à luz de Koch (2004, p.31-34), os operadores argumentativos como: *até, mesmo, até mesmo, inclusive, ao menos, pelo menos, no mínimo*, levam o enunciado a obter um argumento mais forte. Já os operadores *e, também, nem, tanto...como, não só...mas também, além de, além disso, a par de..., etc.* encadeiam os termos com a função de adição. Outros termos como: *já, ainda, agora* são utilizados para indicar mudança de estado e ainda tem por função introduzir no enunciado conteúdos pressupostos. Elementos como: *mas (porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto), embora (ainda que, apesar de (que), Por mais que, mesmo que.)* indicam oposição entre os constituintes semânticos.

Há também operadores que reforçam o enunciado anterior estabelecendo relação de correção, mas colaboram para que o sentido seja obtido com maior precisão, logo temos, *isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras, ou melhor, de fato, pelo/ao contrario, ao invés de.*

Os operadores utilizados para levar o leitor a uma conclusão e que colaboram também na progressão textual, são eles, *portanto, então, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente, enfim, assim, afinal*. Citelli (1994, p.44), corrobora a opinião de Koch (2004, p.34) e ainda acrescenta os indicadores de conclusão que são eles, *de modo que, em vista disso, por isso*.

Alguns operadores estabelecem uma idéia de exclusão como: *ou, ou então, quer... quer, seja...seja*, podendo persuadir o interlocutor a mudar de opinião ou, pelo menos, concordar com o enunciado expresso. Operadores como: *Mais... (do) que, menos... (do) que, (tanto, tão, tal, assim)... como, (tanto, tão)...quanto, de longe*. estabelecem relação de comparação, mas assinalam um grau de superioridade, inferioridade ou igualdade. Articuladores como: *Porque, que, já que, pois* estabelecem relação de explicação ou justificativa.

O operador, *um pouco*, leva-nos a crer que algo de positivo, afirmativo será exposto, já o operador, *pouco*, acredita-se que há um limite, que leva a negação, assim como o *quase*, logo os operadores, *apenas, só e somente*, articulam de modo restritivo e valorizam o argumento exposto.

Por meio da expressão, *por exemplo*, é possível articular esclarecimentos, exemplos, que vem a tornar o argumento também com maior força argumentativa, Citelli (1994, p.43) ainda acrescenta como indicador de esclarecimento as seguintes expressões, *vale dizer, ou seja, quer dizer, isto é*.

Destacamos ainda de Koch (2002, p.133-4) alguns marcadores textuais que devem entrar na articulação do texto. Estes se classificam em conteúdo proposicional, os enunciativos ou discursivo argumentativos e os meta enunciativos. Os de conteúdo proposicional se subdividem em marcadores de relação espaço-temporais, são indicados não apenas por palavras, mas por frases, *a primeira vez que..., defronte da..., depois...*. Os indicadores de relações lógico-semânticas, que indicam, condição, causa, finalidade, mediação, oposição, *por causa..., para, e porque, se...*. Já os enunciativos ou discursivo-argumentativos introduzem argumentos juntivos ou disjuntivos. A saber: *ou, mas*. Por outro lado, temos também os articuladores meta-enunciativos que comentam a própria enunciação. Por sua vez delimitam domínios como: *“geograficamente, economicamente, politicamente”*. Ainda constam os organizadores textuais que mantêm a linearidade do texto: *“primeiramente, depois, em seguida...”*.

Como se vê, inúmeros recursos linguístico-discursivos estão à disposição do produtor do texto para que consiga construir e fazer significar seu texto em situação

sócio-histórica enquanto sujeito do seu dito. Cabe ao produtor textual muita atenção e perspicácia nas escolhas dos elementos instrumentais que operam na construção do texto para que seja compreendido e merecedor de leitura.

### 1.5. Tipologia textual: a dissertação

Sendo a dissertação a tipologia textual eleita para a nossa pesquisa, julgamos pertinente apresentar algumas considerações conceituais para contribuir com o nosso trabalho de análise. A dissertação é constituída através da organização de ideias dentro de um texto, e também o desenvolvimento do raciocínio para analisar contextos e fatos a serem defendidos pelo autor através da explicação, fundamentação e comprovação dos fatos, tornando o texto ainda mais atrativo ao leitor.

Fiorin; Platão (2003, p.298), expõem suas opiniões a respeito de texto dissertativo afirmando que dissertação é o tipo de texto que analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos, ou seja, relatam-se os fatos que acontecem no mundo real, analisando assim contextos e fatos, o redator deixa explícita a sua opinião em um texto dissertativo, argumentando e defendendo seu ponto de vista.

Já Faulstich (2005, p.52) argumenta que num texto dissertativo o autor procura convencer o leitor, com provas fundamentando seus argumentos e imprimindo um grau de verossimilhança ao seu texto. A autora, além disso, nos traz que é necessário planejar o que se quer escrever para se obter um texto conexo, logo nos traz que, para redigir uma dissertação é necessário se proceder da seguinte forma: a) anote suas ideias sobre o assunto: b) se suas ideias são poucas, pesquise sobre o assunto: busque dados estatísticos, testemunhos, definições etc.; ao fim dessa pesquisa, você terá muitas outras ideias; c) delimite bem seu objetivo: (FAULSTICH, 2005, p.51).

Desta forma, devem-se organizar as ideias principais, ou seja, as ideias diretamente ligadas ao tema constituindo o seu ponto de vista, o que será defendido no decorrer do texto. De acordo com a estrutura estabelecida pelas normas da língua para a constituição de um gênero textual dentro da dissertação, a estrutura defendida por muitos autores, baliza-se na trilogia: introdução, desenvolvimento e a conclusão. Somando a idéia de Faulstich (2005), Pacheco (2003, p.6) também apresenta, de forma sucinta, o que se espera em cada item:

a *introdução* normalmente apresenta a idéia central, que vai ser discutida, de modo que o leitor já saiba do que o texto irá tratar. Corresponde geralmente a um parágrafo. O *desenvolvimento* corresponde ao desdobramento da idéia central

contida na introdução. Pode haver um ou mais parágrafos. A *conclusão* “amarra” o texto. Pode funcionar como uma confirmação da tese inicial, resumindo os principais aspectos discutidos no texto. A conclusão consta geralmente de um parágrafo. (PACHECO, 2003, p.6).

Na concepção de Garcia (2001, p. 376-379), vemos que o autor também destaca a estrutura organizacional do texto dissertativo a qual deve obedecer a uma lógica distributiva com introdução, desenvolvimento e conclusão, e ainda acrescenta que a dissertação é um “nome com que se designa a exposição ou explanação de ideias”, Garcia (2001, p.379) assevera ainda que a forma como o autor tenta persuadir o leitor pela argumentação e fundamentação dos fatos, é notório a verossimilhança nos argumentos. Isto reforça a idéia estruturalista da composição do texto. Nesse aspecto, o uso dos operadores argumentativos assume ponto relevante na tessitura global do texto.

Garcia ainda acrescenta que,

Na dissertação, expressamos o que sabemos ou acreditamos saber a respeito de determinado assunto; externamos nossa opinião sobre o que *é* ou nos parece *ser*. Na argumentação, além disso, procuramos principalmente *formar a opinião* do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a *razão* esta conosco, de que nós *é* que estamos de posse da verdade. (GARCIA, 2001, p.380) .

Desta forma, é possível observar a consistência da argumentação que tem por função convencer direcionando o leitor com razões defendidas com provas e raciocínio coerente que consiste ao que está sendo exposto.

Já para Granatic (1999, p.13), dissertação “é o tipo de composição na qual expomos ideias gerais, seguidas da apresentação de argumentos que as comprove”. A autora segue a mesma ordem de alguns autores, em relação à estrutura do texto, onde o mesmo em sua estrutura básica é composto de um tema em que serão retirados os argumentos, questionando o “por quê?” a ele, com as respostas poderão ser formulados os argumentos. Na introdução o tema é acrescido aos argumentos. Em seguida, tem-se o desenvolvimento composto da explicação dos argumentos expostos na introdução, utilizando de operadores argumentativos para ligar os parágrafos, demonstrando a relação entre si. A conclusão deve retomar os argumentos que compõem o texto. O título também deve ser acrescido no texto. A autora o define desta forma, “é a expressão, geralmente curta, colocada no início do trabalho ele é, na verdade, apenas uma vaga referencia ao assunto que você abordara.” Granatic (1999, p.73).

Diante do exposto, percebe-se no trabalho da autora uma grande contribuição no trato da estrutura distributiva das partes que formam tipologicamente esse gênero textual.

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÃO - ANÁLISE DOS TEXTOS

### 2.1 – Um panorama geral do *corpus* em discussão

Considerando os aspectos microestruturais textuais, elegemos como *corpus* de análise um total de vinte e nove textos dissertativo-argumentativos. Estes textos são de alunos ingressantes ao Curso Superior. Nosso recorte analítico centra-se no uso dos operadores argumentativos na construção textual.

De uma maneira geral os produtores dos textos conseguiram fazer bom uso desse recurso linguístico. Mesmo assim, também percebemos alguns equívocos na operacionalização recursiva em alguns textos, objeto dessa pesquisa. Os dados mostram que essas lacunas derivam ora por falta de experiência, ora por falta de argumento na composição do texto. Todos os alunos atendem ao tema proposto, defendendo seu ponto de vista, muitas vezes baseados no senso comum para dissertar. No entanto, é necessário ressaltar a importância do conhecimento adquirido pelo aluno quanto ao ensino dessas conjunções, passadas pelas gramáticas tradicionais como meros elementos de relação. Sabedores da força argumentativa que esses conectivos devem estabelecer na constituição do texto, percebemos que a falta de colocação inadequada dos conectivos na construção discursivo-argumentativa acarreta danos à qualidade global do texto.

Por uma questão metodológica, elegemos do *corpus* dez textos para mostragem da análise pretendida. A otimização analítica por nós desenvolvida didatizou a proposta em cinco textos em que sua linearidade não está totalmente comprometida por uso inadequado dos operadores argumentativos, além disso, verificamos a coerência global dos textos. Por outro lado, constituem parte desse bloco de análise cinco textos que constam o uso impróprio.

### 2.2-Texto com uso dos operadores argumentativos de forma adequada.

#### ***Texto 04 “Unir-se e lutar é o primeiro passo” (C.F.D)***

*Podemos analisar em nossa sociedade, que há tempos que facções criminosas aterrorizando a população brasileira, antes vista também com medo, porem abafadas pela sociedade, esconder em casas com alarmes muros altos já resolvía, ou amenizava as conseqüências da violência.*

*Observa-se que atitudes como essa, já não tem a mesma eficácia, o índice de violência é gigantesco e a segurança pública aparenta está lançada a própria sorte, infelizmente não se tem soluções para esse problema, expondo o país “conhecido”, como país do futebol, de belezas infinitas, carnaval, samba e lindas mulheres, ao ridículo.*

*As mas administrações e a falta de recurso e atitudes acarretara em um aspiral de violência, mil vezes maiores do que se encontra, a marginalidade tomará conta de nosso*

*cotidiano e pessoas inocentes estarão a mercê de “bandidos super organizados” e fortemente armados, espalhando o caos ao país.*

*Sabe-se que ficar parado vendo sem fazer nada, não resolverá o problema, resta-nos organizarmos e cobrar, atitudes, como cidadãos temos direito, a segurança de qualidade, paz e livre arbítrio de ir e vir, sem medo.*

*Tendo visto isso, basta conscientizar a população, e lutar contra a marginalidade a violência e atitudes dos poderes legislativo, judiciário e público é o que devemos cobrar duramente.*

#### Análise (texto 04)

A composição do texto é composta por cinco parágrafos dissertativos, ao discorrê-los, o autor mostra certo domínio na utilização de determinados operadores argumentativos, sucedendo desta forma, um texto coerente.

Condizente ao que foi exposto, temos no decorrer do todo textual operadores como, *também, porém, já, infelizmente, e, sabe-se que, tendo visto isso*, o articulador *também*, em consonância com Koch (2004, p.33), faz parte de um grupo de “operadores que encadeiam a outro termo adicionando”, desta forma é possível observar no texto que seu uso foi adequado, pois o compositor acrescentou um fato a algo já mencionado, crescendo, desta forma, a força argumentativa dentro de seu texto: *“Podemos analisar em nossa sociedade, que há tempos que facções criminosas aterrorizando a população brasileira, antes vista também com medo, porem abafadas pela sociedade”*. Também é encontrado no decorrer do parágrafo acima citado o uso do operador *porém*, que Koch (2004, p.35), acresce que esta conjunção faz parte do conjunto de marcadores que indicam oposição entre os constituintes semânticos. Este operador está apropriadamente empregado para indicar oposição, demonstrando que, apesar da sociedade estar com medo, são oprimidos, limitados em suas ações.

Em seguida, no segundo parágrafo, emprega-se o operador *já*, que Koch (2004, p.38), enuncia ser um “operador que tem por função introduzir no enunciado conteúdos pressupostos” de acordo com a análise do parágrafo a seguir *“Observa-se que atitudes como essa, já não tem a mesma eficácia”*, é evidente a mudança de estado provocada pela utilização do operador dentro da frase e na realização da progressão textual, ou seja, as atitudes tomadas anteriormente já não alcançavam o mesmo efeito.

Certos operadores têm seu uso constante na redação, que, na maioria das vezes, podem comprometer um êxito na construção da coesão textual. Temos o “e”, citado diversas vezes no texto, este operador tem por função encadear outro termo na composição da frase adicionando, Koch (2004, p.33), segue o exemplo *“o índice de violência é gigantesco e a segurança pública...”*, *“país do futebol, de belezas infinitas, carnaval, samba e lindas*

*mulheres...*”, como é possível observar com os exemplos, a conjunção “e” acrescenta outro termo a algo que já está sendo exposto anteriormente, desenvolvendo assim um texto mais detalhado.

Em sequência, ainda no segundo parágrafo, o autor fez uso do articulador *infelizmente* que segundo Koch (2002, p.136), faz parte do grupo dos “articuladores meta-enunciativos”. Este articulador, por exemplo, classifica-se em “atitudinais ou afetivos, onde encenam a atitude psicológica com que o enunciador se representa diante dos eventos de que fala o enunciado”. Em consonância ao que foi exposto, temos a frase retirada do texto, “*infelizmente não se tem soluções para esse problema,*” em que o autor se mostra indignado diante do fato não ter solução, demonstrando através da enunciação, seu estado psicológico e também seu ponto de vista.

No quarto parágrafo, o autor utilizou um introdutor de tópico, articulando os parágrafos de forma coerente e garantindo progressão ao texto, segue o exemplo “*Sabe-se que ficar parado vendo sem fazer nada*”, nota-se que o articulador “*Sabe-se que*” introduz o tópico, trazendo sequência à composição.

Em suma, temos na conclusão, o articulador “tendo visto isso”, que faz uma retomada anafórica ao teor do texto e anuncia um argumento conclusivo, próprio de finalização textual de cunho dissertativo.

### 2.3-Texto com o uso dos operadores argumentativos comprometidos

#### **Texto 16 “Sem título” (M.P)**

*O PCC (Primeiro Comando da Capital) é uma organização criminosa, atua dentro e fora dos presídios, controlando principalmente o tráfico, introduzindo nessa sociedade carente uma interpretação errônea.*

*A forma como eles se organizam é impressionante, de dentro dos presídios são capazes de comandar ações criminosas através de aparelhos celulares ou pessoas que levam e trazem informações.*

*Na realidade, o PCC se tornou um partido dentro das favelas. Não só controla o contrabando como também a entrada e saída de pessoas auxilia as famílias com; vale gás, remédios e vale compras.*

*Por traz dessas ações, há um objetivo maior de criar uma ilusão e trazer a população para o lado do “Partido” PCC.*

*Solucionar o problema não é entrar nas favelas armados com os chamados “Caveirões”, viaturas blindadas, mas sim isolar de fatos aqueles que estão presos e criar ações sócio-educativos com as crianças e os adolescentes.*

## Análise (texto 16)

O texto é composto de cinco sucintos parágrafos, comprometidos pela incoerência entre as ideias apresentadas e o autor não passa a informação de forma adequada.

Um exemplo deste fato se dá logo no parágrafo introdutório. “*O PCC (Primeiro Comando da Capital) é uma organização criminosa, atua dentro e fora dos presídios, controlando principalmente o tráfico, introduzindo nessa sociedade carente uma interpretação errônic*.” É notório o mau uso da contração pronominal “nessa”, ou seja, “em essa”, a forma pronominal deveria se remeter a algo já dito como a um nome, ou até mesmo, a sociedade carente que não havia sido expressa anteriormente, por ser um parágrafo introdutório não há outro precedente, em que o autor utilizou para fazer menção. Também é expresso na frase a seguinte afirmação “*introduzindo nessa sociedade carente uma interpretação errônic*”, e novamente o autor não diz a que se trata essa “*interpretação errônic*”. Não fica evidente o que está sendo narrado pelo locutor, fazendo com que seu texto torne-se inconsistente.

No terceiro parágrafo, o autor emprega o operador, “não só, ...como também”, na frase “*Não só controla o contrabando como também a entrada e saída de pessoas auxilia as famílias*”, Koch (2004, p.33), assevera que os operadores “não só... mas também” somam argumentos a favor de uma mesma conclusão, no entanto, o autor utilizou “como também”, expressando através da conjunção “como”, a relação de comparação, comprometendo o sentido de adicionar um argumento.

No parágrafo conclusivo, o autor inicia com um verbo transitivo direto, “solucionar” utilizando este verbo como introdutor do tópico. Temos o parágrafo “*Solucionar o problema não é entrar nas favelas armados com os chamados “Caveirões”, viaturas blindadas, mas sim isolar de fatos aqueles que estão presos e criar ações sócio-educativos com as crianças e os adolescentes.*” Merece aqui uma reflexão a respeito dessa forma de introduzir uma conclusão, pois esperava-se que o autor utilizasse operadores conclusivos como o ensino propedêutico tem mostrado para esse tipo de texto. A entrada com um verbo não está de um todo deslocada porque houve harmonia entre a ideia discorrida e o fecho do texto.

Como se vê, o uso inadequado de alguns operadores argumentativos no processo de construção textual, de alguma forma, interfere na clareza do todo texto. Com isso, fica-nos o alerta de que, os aspectos macro e microestrutural merecem pauta tanto para o ensinante como para o aprendiz-autor de textos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabedores da complexidade que envolve o processo construtivo do texto, a nossa pesquisa mostrou-se muito útil. Considerando os aspectos microestruturais, ou seja, coerência local, centramos nosso foco no uso dos operadores argumentativos em textos dissertativos de ingressos no Curso de Letras da UEMS, Unidade de Dourados, ano letivo 2007. Os resultados mostram que o estudo feito merece lugar de destaque no âmbito da análise textual. O aporte teórico utilizado permitiu-nos otimizar a verificação a partir dos textos o desempenho linguístico-discursivo dos produtores dos textos analisados.

No processo de análise, percebemos que muitos alunos ainda apresentam dificuldades em operacionalizar os recursos que a língua dispõe para a confecção do texto. O uso adequado dos operadores e marcadores argumentativos nos enunciados devem ser pauta de reflexão de todo professor da Língua Portuguesa e, principalmente, no ensino do texto. Lembramos que a análise em tela se preocupou, também, com os aspectos macroestruturais, uma vez que conteúdo e forma constituem a bipolaridade da construção textual.

A pesquisa nos proporcionou visualizar a carência da prática da análise linguística no Ensino Fundamental e Médio no trato do ensino-aprendizagem do texto. Pelo desempenho escritural dos informantes, fica evidente a necessidade de se trabalhar mais a leitura e a produção de texto na escola como um todo.

A experiência obtida nessa pesquisa foi-nos muito válida porque nos ofereceu condição e formação teórico-prática para exercer, quando oportuno, a docência e, além disso, somou-se à realização de estágio regencial supervisionado como parte concluinte do Curso de Letras. Vale ressaltar que o estudo realizado não é um ponto de chegada, mas sim de partida em se considerando as possibilidades de trabalho de análise e correção textual.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a PROPP/UEMS pelo apoio financeiro e pela oportunidade de contato mais profícuo com a pesquisa e consolidação da formação acadêmica. Agradeço também a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a consecução deste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>1</sup>

- Citelli, A. 1994. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 79 p.
- Faulstich, E. L. de J. 2005. **Como ler, entender e redigir um texto**. Petrópolis-RJ: Vozes, 117 p.
- Fiorin, J.I & Savioli, F.P. 1992. **Para entender o texto: leitura e redação**, 6° ed. São Paulo, Ed. Ática, 431 p.
- Galves, C. et al (org). 2002. **O texto: leitura e escrita** 3°ed. Campinas. SP: Pontes, 167 p.
- Garcia, O. M. 1992. **Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever, aprender a pensar**. 15. ed. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 539 p.
- Guimarães, E. 1993. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 85 p.
- Koch, I. G. V.; ELIAS, V. M. 2006. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 216 p.
- Koch, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. 2003. **A Coerência Textual**, São Paulo: Contexto, 118 p.
- Koch, I. G. V.. 1990. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: contexto, 168 p.
- \_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem**. 1997. São Paulo: contexto, 134 p.
- \_\_\_\_\_. **O texto e a construção de sentidos**. 1998. São Paulo: Contexto, 123 p.
- Lyons, John. **Língua(gem) e lingüística**. 1987. [Trad. De Marilda Averborg Winckler et ali] Rio de Janeiro: Zahar. 322 p.
- Marquesi, S. C. 1995. **A organização do texto descritivo em língua portuguesa**. Petrópolis-RJ; vozes, 171 p.
- Orlandi, E. P. 2001. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 3 ed.
- Pacheco, A. de C. 2003. **A dissertação: teoria e prática**. São Paulo: Atual, 88 p.
- Van Dijk, Teun Adrianus. 1999. **Cognição, discurso e interação**. Org. e apresentação de Ingedore Villaça Koch. – 2 ed. São Paulo: Contexto, 207 p.

---

<sup>1</sup>

As normas de referência seguem a sugestão do Edital 01/2009-PROEC/PROPP/UEMS